

As redes sociais digitais e a educação bilíngue: a emergência das "bolhas" e "espumas" surdas¹

The digital social networks and bilingual education: the emergence of "bubbles" and "foam" deaf

Simone Lorena da Silva Pereira²
Gladis Teresinha Taschetto Perlin³

Resumo: Este trabalho discute questões relacionadas ao uso das redes sociais digitais como interface para potencializar a sociabilidade e a prática da educação bilíngue de surdos. Compreende a educação bilíngue de surdos como pedagogia surda, ou seja, um conjunto de saberes e práticas educacionais voltadas à especificidade linguística e cultural do indivíduo surdo, que tem na língua de sinais a sua primeira língua. Desta forma, buscou-se apreender experiências de professores com estudantes surdos nos seguintes espaços sociais digitais: Blog e Facebook. O artigo aponta para a importância dos espaços sociais digitais como ambientes que privilegiam as narrativas viso-culturais surdas em que as “bolhas identitárias” (identidade digital do usuário) apresentam um conjunto de valores culturais e linguísticos que se manifestam através destas redes. E, apesar de não ter em si, claramente, foco na pedagogia surda, observou-se que as experiências docentes analisadas reforçam a importância de perceber nesses espaços, o comportamento e as atitudes dos surdos que constituem-se como espumas que chamamos de “nascentes”, pois cada vez mais acontecem (des) encontros e fusões heterogêneas e fluídas entre as bolhas identitárias que resultam numa protossociabilidade marcada pela liberdade de emissão, participação e compartilhamento.

Palavras-chave: Educação bilíngue. Redes sociais digitais. Sociabilidade.

Abstract: This paper discusses issues related to the use of online social networks like interface to enhance the sociability and the practice of bilingual education of the deaf. Comprises the bilingual education of the deaf and deaf education, in other words, a group of knowledge and educational practices aimed at linguistic and cultural specificity of the deaf individual who has the sign language their first language. Thus, we sought to seize teacher experiences with deaf students in the following online social spaces: Blog and Facebook. The article indicates out the importance of digital social spaces as environments that favor the

¹ Trabalho apresentado ao 6º Seminário Nacional do EDaPECI – "Educação Digital na Contemporaneidade", no Eixo Temático M10: Inovações em Práticas Educacionais e TDIC.

² Ouvinte, Graduada em Letras, Especialista em Libras e Educação Especial, Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e bolsista CAPES/CNPQ. Foi professora de LIBRAS e Língua Portuguesa no Instituto Esperança de Ensino Superior (IESPES). Atualmente pesquisa sobre questões referentes as interfaces das redes sociais digitais e os aplicativos educacionais na educação de surdos. imone_lorena@hotmail.com

³ Surda, Teóloga, Mestre e Doutora em Educação de surdos. Professora no Centro de Ciências da Educação - UFSC. Suas atividades em pesquisa voltam-se para os Estudos Surdos um campo de investigação em conexão com teorias que enfatizam a diferença e alteridade cultural dos surdos, e promovem um contra discurso às questões de surdez como deficiência. Têm focalizado as narrativas culturais provenientes dos espaços surdos e seus cruzamentos com a teoria cultural recente, bem como a teoria pós-estruturalista Neste campo tem desenvolvido estudos, publicado artigos, bem como orientando teses e dissertações. gladisperlin@hotmail.com

visual-cultural narratives deaf that the "identity bubbles" (digital user identity) present a set of cultural and linguistic values that are manifested through these networks. And, despite not having clearly focus on deaf education, it was observed that the analyzed teaching experiences reinforce the importance of understanding these spaces, behavior and attitudes of the deaf who are as foams we call "springs" because increasingly happen meetings \ disagreements and heterogeneous and fluid mergers between identity bubbles that result in protossociabilidade marked by freedom of issue, participation and sharing.

Keywords: bilingual education. digital social networks. sociability.

Introdução

Este artigo dá continuidade a uma série de artigos sobre a educação bilíngue de surdos e as suas práticas agregando as discussões acerca das redes sociais digitais como forças socializantes e as possibilidades de seu uso como pedagogia de surdos. Normalmente é denominada pedagogia de surdos o que se constitui em educação bilíngue, em identidade surda, visto que esta identidade em si é “uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo” (SILVA, 2000, p. 96). Desta forma, objetivamos aqui, conhecer como a sociabilidade das redes sociais digitais ou espaços sociais digitais (ESDs) podem maximizar as práticas da pedagogia surda.

A pedagogia surda surge junto aos movimentos surdos em busca de uma educação de qualidade que privilegie os saberes surdos, ou seja, a educação bilíngue de surdos. A importância dessa pedagogia está em atender a demanda significativa da população surda que, no Brasil, contabiliza cerca de 5 milhões, quase o dobro da população do Uruguai (3,3 milhões). Vale destacar que, esse tipo de educação defende a importância do ensino em língua de sinais, do uso do português como segunda língua e requer ainda a presença do professor bilíngue⁴. Trata-se, desta forma, de uma pedagogia viso-cultural, pois se utiliza de códigos visuais e cultura surda.

A pesquisa dedicou-se a captar relatos de algumas experiências com estudantes surdos nos seguintes espaços sociais digitais - ESDs⁵ : Blog e Facebook. Tais experiências foram somadas ao contexto teórico de alguns autores como Rieder (2010), que cita a existência de

⁴ A preferência pelo professor surdo nesta pedagogia se dá pelo fato de que além de estar impregnado dos signos culturais também é usuário nativo da língua de sinais, mas o professor ouvinte proficiente em língua de sinais e com conhecimentos sobre cultura surda também é um profissional competente nesta pedagogia.

⁵ Esses espaços digitais seriam, num estado inicial, do ponto de vista social, como folhas em branco ou células-tronco: com vasto potencial para ser e diferenciar-se. Quando e se deixam de ser simples espaços digitais para serem espaços digitais onde há relações sociais, podem ser chamados de espaços sociais digitais (ESDs). Verdade que, antes de serem espaços sociais, são espaços digitais. Mas chamá-los —espaços sociais digitais é proposital: destaca o peso, o foco, a importância do aspecto social desses espaços. (SALGADO, 2011, p. 25)

“espumas” ou de indivíduos empilhados, Salgado (2011) que construiu o conceito de ESDs e de bolhas identitárias e Silva (2000) sobre identidade e pedagogia para melhor entendermos o desenrolar do fenômeno. Em última instância, o artigo quer levantar questões em torno da importância desta nova maneira de pensar e agir dos surdos diante das redes sociais de modo a incentivar a discussão em torno do surgimento desse novo tipo de sujeito surdo que se constitui com identidade e cultura próprias, e rompe com velhos paradigmas que faziam dele um sujeito marginal, deficiente. Entender o presente, lançar-se numa complexidade de realizar reflexões levando em consideração os ESDs constitui-se em uma ação imprescindível para que seja possível pensar de outros modos tornando-se assim, cada vez mais visíveis estas “espumas nascentes”.

As redes sociais digitais e a hipersociabilidade

As redes sociais digitais destacam-se cada vez mais como um lugar de intensa sociabilidade. De acordo com Santaella (2013) a web permite que exista uma extrema maleabilidade, uma plasticidade que torna “a internet um meio multiforme, capaz de abrigar uma pluralidade de configurações comunicacionais” (Rieder, 2010, p. 2 *apud* Santaella, 2013, p. 310). Mas para compreender a sociabilidade, segundo Rieder (2010), é necessário rever alguns conceitos que compõem a morfologia social: comunidade, rede, multidão e o surgimento da chamada “espuma”. Por considerar que o conceito de comunidade, rede e multidão não conseguem dar conta da complexidade da sociabilidade dos ESDs considera, então, o conceito de “espuma”.

Assim, para Rieder (*ibid.*, p.11), a espuma caracteriza com propriedade a protossociabilidade que é comum nas plataformas digitais, constituindo-se em um recurso para se pensar a sociogênese a partir de *indivíduos empilhados*. “Do caos de interações efêmeras podem emergir relações mais estáveis e o conjunto de tais relações produz morfologias que costumam ser descritas pelos conceitos de comunidade e de rede”. Sobretudo, a metáfora da espuma nos ajuda a pensar o *individualismo de massa* que marca o nosso tempo, e também “pensar a tensão entre identidade e relação como locus da produção do social” (SANTAELLA, 2013, p. 313-314).

Desta forma, o espaço social digital apresenta aquilo que se deseja mostrar através das “bolhas identitárias”. Esse conceito foi construindo por Salgado (2011), inspirado em Rieder, em que as bolhas sociais identitárias seriam uma versão da identidade digital do indivíduo.

Assim, um sujeito pode apresentar diversos perfis nos ESDs - que são amplamente heterogêneos e fluídos - e manifestar bolhas identitárias tanto diversas quanto análogas ou idênticas.

Exemplo: João da Silva é engenheiro civil, casado, coleciona cachaças e gosta de escrever contos de terror. No Facebook (www.facebook.com), ele prefere criar uma bolha identitária tal que mostre um perfil — “médio” de todas as suas características e algumas fotos mais sorridentes dele e de sua família; no LinkedIn (www.linkedin.com), site de perfis e contatos profissionais, João enfatiza sua história profissional e habilidades como engenheiro, coloca uma foto em que está sério e vestindo terno e gravata e omite totalmente a família, cachaça e contos de terror; [...] há pessoas que preferem utilizar a maior parte das mesmas informações pessoais, inclusive fotos, ainda que em ESDs diferentes (ex.: alguém que usa as mesmas informações e fotos no Orkut e no Facebook); sendo assim, essas pessoas teriam bolhas identitárias muito mais semelhantes (até iguais) entre si (SALGADO, 2011, p. 47).

Essas bolhas formam-se tanto individualmente quanto por relação então, o sujeito vive em coisolamento e cofragilidade. Esse coisolamento, segue Rieder (2010) *apud* Salgado (2011), é causado por uma membrana, chamada interface, que serve tanto para conectar quanto para separar as bolhas. As membranas atuam como filtros que impõe limites e podem até - mesmo que de forma implícita e contrariamente a esse ambiente fluído e permissível - isolar mais as pessoas. Salgado (2011) destaca ainda que, quando ocorre o encontro entre as bolhas identitárias acontece uma fusão heterogênea e flexível que resulta, justamente, nas espumas. O autor, com base em Sloterdijk, propõe três itens em seu modelo de interação sendo: a autoabsorção (relação do indivíduo com o “eu”, criando uma versão digital de si); relação do sujeito com o mundo através da sua bolha identitária e a relação entre a bolha identitária do indivíduo e a de cada visitante. Como o objetivo deste trabalho não é se deter nesses conceitos, mas realizar uma passagem, seguiremos em frente, apresentando algumas propriedades das redes sociais digitais que começaram a surgir em meados de 2003.

Segundo Viana (2010, p. 61), são serviços on-line de acesso grátis por meio dos quais se podem criar redes de contato para o intercâmbio de mensagens e conteúdos multimídia. Essas redes acabam por funcionar como plataformas sociais, dada a facilidade de intercomunicação dos usuários por meio dos recursos proporcionados por tais serviços. (SANTAELLA, 2013, p. 315)

Desta forma, nesses ESDs os usuários são representados por perfis e comunicam-se através de diversos recursos como: mensagens, vídeos, fotos entre outros, em que “a popularização desses serviços faz que, com cada um desses perfis, criem-se pontos de referência para a identidade digital de alguém” (ibid., p. 316). Vale destacar que, as redes sociais digitais conseguem potencializar as atividades interativas por reunir as funcionalidades de outras redes e possibilitar a exposição das bolhas identitárias através da disponibilização de diversos recursos. Assim, nos ESDs existem ambientes de convivência em tempo real entre os usuários favorecendo mais ainda a constituição de uma cultura participativa, de compartilhamento, de convivência em que a protossociabilidade e o favorecimento da circulação mediada pelas membranas (interfaces) caracterizam-se como propriedades da sociedade interconectada em rede.

A pedagogia surda como política para a “bolha identitária”

A existência da pedagogia dos surdos é mais que evidente. Pesquisas feitas por um elenco de pesquisadores⁶ atestam a ineficiência do ensino público no sentido de atender a clientela surda, pois ainda está travestido de práticas pedagógicas que privilegiam o público ouvinte. Capovilla (2011), por exemplo, escreve com severas críticas a respeito de se tratarem crianças surdas como se fossem ouvintes. Daí porque um grupo destes pesquisadores escolhidos pela FENEIS⁷ e nomeado por portaria governamental, apresentou ao MEC uma documentação tomando como o ponto de partida as garantias de direitos constitucionais, culturais e linguísticos, onde sobressai que os surdos devem ser vinculados a uma educação linguístico/cultural e não a uma educação especial, marcada pela definição da surdez como anomalia, como falta sensorial a ser reabilitada ou corrigida através de ensaios com uma “pedagogia do conserto”. Propostas foram apresentadas sendo voltadas à construção de políticas educacionais, específicas e diferenciadas, considerando a necessidade de uma educação bilíngue em que a Libras (Língua Brasileira de Sinais) é amplamente utilizada e reconhecida como a primeira língua, enquanto que a Língua Portuguesa, em sua modalidade escrita, assume posição de segunda língua⁸. Estes pressupostos básicos são fortalecidos por importantes documentos internacionais como a Declaração de Salamanca (Conferência

⁶ Muitos deles com grupos de pesquisa registrados na CAPES

⁷ Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, FENEIS. Representante dos surdos, associações, agremiações, e a maioria das escolas de surdos.

⁸ Tal procedimento já é reconhecido pela lei 10.436 de 2002.

Mundial de Educação Especial, na Espanha, em 1994) e a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (UNESCO, Barcelona, junho de 1996) em que são enfatizados os direitos linguísticos dos surdos. Além disso, existe ainda a Declaração dos Direitos Culturais, Direitos Humanos e muitas outras conferências/convenções internacionais validando estas práticas. No Brasil muitas são as pesquisas e produções que vem comprovando a necessidade de políticas bilíngues, como cita Capovilla (Pandesb/USP, 1999-2009). Como a nossa pretensão não é apresentar as políticas educacionais que acompanham a educação bilíngue de surdos, mas atender a questão conceitual desta pedagogia de surdos, passamos adiante.

O que caracteriza esta pedagogia dos surdos é sempre o aspecto de possuir uma cultura visual. Para Hernández (2007, p. 22) “a cultura visual converge em termos de práticas culturais relacionadas ao olhar e às maneiras de olhar a vida”. Diante disto, entendemos a pedagogia visual como uma espécie de pedagogia cultural servindo-se do uso de artefatos visuais, pois utiliza o olhar para captar saberes. Diferencia-se da pedagogia visual ouvinte que é acompanhada também pelo uso da audição, da fala e do português como primeira língua. Silva (2012, p. 268) cita que “na pedagogia surda o ato de ensinar envolve situar o aluno surdo na sua cultura”, ou seja, é através deste processo que se constitui a cultura surda e seus artefatos como: a língua de sinais, a pedagogia surda (que se utiliza de artefatos visuais), a identidade surda⁹ (que somente é percebida com o elemento identificador, ou seja, o indivíduo usa os olhos para ler os sinais), a literatura surda (que traduz os signos surdos) enfim, deixando claro que diferencia-se da pedagogia do ouvinte. Do mesmo modo, neste enfoque, estamos de fato tratando de uma pedagogia do surdo, pautada no ensino de e em língua de sinais. Perlin, pesquisadora e educadora surda, escreve que:

[...] não se trata de uma pedagogia pronta, mas de uma pedagogia histórica que assume o jeito surdo de ensinar, de propor o jeito surdo de aprender, experiência vivida por aqueles que são surdos. [...] um jeito surdo de aprender requer um jeito surdo de ensinar. (2006, p. 81)

Verdade que esta pedagogia, fazendo relação com o ESD, promove a relação do indivíduo surdo com o mundo através da sua “bolha identitária” fazendo com que a espuma se torne presente, transformando o coisolamento como pedagogia dos surdos. Para Skliar (1999,

⁹ Para o caso de alguns terem problemas auditivos, ou perdas parciais de audição sem terem necessidade de se comunicar apenas pela visão chamamos de deficiente visual e não de surdo.

p.7), esta ideia pedagógica “é um reconhecimento político da surdez como diferença” assim, os surdos - mediante a pedagogia que lhes toca - apontam para o objeto de desejo em suas narrativas: a identidade. A identidade, na perspectiva de Silva (2000), só tem sentido quando aponta para uma cadeia de significados, pois são indeterminadas e instáveis, daí porque a identidade é uma construção, um ato de performatividade, um processo de produção. E isto se dá pela representação inerente, já que o outro, o desconhecido cultural se faz problema devido ao consenso e dissenso. Desta forma, os ESDs apresentam-se como novos espaços de negociação, de práticas sócio-culturais em que o usuário surdo, devido à diversidade de recursos e funcionalidades, pode comunicar-se em língua de sinais potencializando a circulação dos signos culturais.

Nosso foco de pesquisa

Partindo destes conceitos teóricos comprovados, a pesquisa se propôs a identificar experiências de professores com alunos surdos nas redes sociais digitais facebook e blog em que faz-se “uma sucessão temporal de ações apresentadas como conectadas – de alguma forma – entre si, com determinados personagens ou protagonistas, em que haja uma transformação entre uma situação inicial e final intermediárias” (SILVEIRA, 2004, p. 198). Captando tais vivências encontramos raízes de transformação seja no aspecto pedagógico delimitado pela pedagogia surda, seja no aspecto da “bolha identitária” que acompanha os internautas surdos nos espaços sociais digitais.

A incidência de “bolhas identitárias” e “espumas” surdas nas redes sociais digitais

Em nossa pesquisa constatamos que, a websemântica presente no espaço social digital permite a comunicação através de diversos signos linguísticos possibilitando então, tanto a mediação da comunicação entre surdos e ouvintes quanto o contato entre surdos de diferentes regiões, nacionalidades e estágios linguísticos. Essa aproximação entre os pares contribui para o fortalecimento da cultura e da identidade surda em que esta última, segundo Perlin (2010), está sempre em proximidade, em situação de necessidade do encontro com o outro igual, nesse caso, do contato surdo-surdo. Essa interação constante entre o “eu” e o “tu”, de acordo com Perlin e Reis (2012), contribui para que aconteça o “processo de tornar-se e manter-se surdo de acordo com o agenciador totêmico” (p. 39). Esse momento natural/totêmico expressa

o orgulho do surdo em fazer parte da cultura surda indo ao encontro do sentimento de pertencimento cultural e ao processo de (re) construção da identidade que ocorre através de práticas sócio-culturais como a que acontece nos diversos espaços sociais digitais. O uso do Blog é um exemplo disso, pois nesse ambiente há o contato entre a bolha identitária do “eu” e do “outro”.

A noção de pessoa implicada na constituição do blogueiro é, portanto, aquela de um eu-imagem que, como coloca Bruno (2004, p. 25), é o efeito produzido na interface com o outro, “pois é nesta interface que ele ganha ‘realidade’ ou esmaece, caso não encontre o olhar que o ‘realiza’”. É um eu que se constrói intersubjetivamente, que se expressa em narrativas e em performances que pressupõem a existência do outro e se inscrevem dentro do campo de possibilidades em que o sujeito está inserido. O universo dos blogs se constitui, assim, como um espaço de emergência de identidades e subjetividades que devem se fazer ver e ser vistas para existirem, ou ainda, que não existem senão pelo e sob o olhar do outro (MÁXIMO, 2006, p. 267).

Percebe-se que esse ESD apresenta o blogueiro com uma imagem inacabada, em construção, que só existe na relação com o outro, num permanente processo de negociação. E os surdos tem a liberdade de utilizar nesses ambientes a LIBRAS que, além da questão puramente linguística, enfatiza o seu status de língua nos diversos níveis como: cultural, social, político. Para Campos e Stumpf (2012, p. 177), a cultura surda tem na sua língua de sinais a mais forte expressão de identidade destacando a importância da língua de sinais como língua natural da comunidade surda e que a privação do uso dela “é a negação das possibilidades de se ser o que é” (ARCOVERDE, 2006, p. 260). Desta forma, o ESD torna-se um ambiente mais envolvente para os surdos, pois a identidade e a cultura surda transitam de forma mais fluída e livre em meio a cibernsialidade.

Para os surdos, a internet pode trazer uma série de benefícios, como o aumento de interações entre membros da comunidade surda independente da distância geográfica, a aprendizagem e o uso da língua de sinais escrita, o conhecimento da cultura da informática e o acesso à história e à cultura surda (Stumpf, 2000). Recursos como compartilhamento de vídeos on-line permitem ainda que a comunicação se dê diretamente em língua de sinais. (BISOL; BREMM; VALENTINI, 2010, p. 293).

Assim, percebe-se que o surdo pode ampliar sua participação social, ter acesso as

informações e a construção do conhecimento, interagir com seus pares e com os ouvintes. Para visualizarmos essa situação novamente utilizamos o Blog como exemplo, pois, Máximo (2006, p. 272) infere que, os usuários podem externar “seus interesses, lealdades e autoridades, assim os blogueiros se tornam atores dos seus próprios dramas, pensando e agindo sobre si mesmos e sobre suas redes de relações sociais” sendo então, um espaço de consenso/dissenso em que a sociabilidade evoca novas experiências, significados e transformações dos sujeitos.

As Tecnologias Digitais têm contribuído com a ampliação da cidadania de pessoas surdas, usuárias da Língua de Sinais, especialmente no caso de lideranças sociais. A evolução e a crescente democratização do acesso às Tecnologias Digitais, bem como o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como segunda língua oficial do Brasil, foram aspectos essenciais para ampliação da autonomia e participação social dos surdos [...] Um fator importante observado foi a própria percepção de cidadania pelos próprios surdos facilitada pelas tecnologias, a medida em que conseguiam conquistar mais autonomia para ter acesso a informações importantes e de seu interesse e ao mesmo tempo podendo compartilhá-las de diferentes maneiras, especialmente pelo uso de celulares e internet (ANDRIOLI; VIEIRA; CAMPOS, 2013, p. 1802).

Observa-se que, cada vez mais as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação tem influenciado tanto na vida de ouvintes quanto na vida de surdos. Segundo Ferreira (2010, p. 111) a internet e o suporte utilizado para acessá-la - como o computador ou smartphone, por exemplo - “promovem práticas sócio culturais que estimulam o refinamento de competências cognitivas de seus usuários” contribuindo, inclusive, para o que chama de novos “formatos de construção do saber”. Vale destacar que, o deslocamento proporcionado pela mobilidade possibilita que o usuário utilize e aproprie-se deste espaço híbrido para diversos fins contribuindo para uma ecologia cognitiva em que a coletividade, a interação e o compartilhamento são as características mais importantes dessa conexão permanente. Diante disso, o impulso da participação, da reciprocidade, da parceria é o que torna os espaços sociais digitais mais atrativos para os surdos que podem interagir utilizando diversos recursos como vídeos, imagens e textos.

De fatos tanto surdos quanto ouvintes estão conectados e usufruem desses espaços através de suas bolhas identitárias, porém em uma pesquisa realizada por Oliveira e Rocha (2012) com surdos no facebook detectou que eles possuem um tempo maior de conexão do

que os ouvintes demonstrando que, “o julgamento mais positivo da sua utilidade [...] sinalizam a importância dessa rede social para a socialidade da pessoa surda” (p. 96).

A presença de poucas diferenças na performance da utilização do Facebook, mostrada nesta pesquisa, evidencia a importância de investimento em ambientes de comunicação frequentados por surdos e ouvintes, promovendo assim inclusão. Apesar da diferença de preferência entre as ferramentas do aplicativo analisado, o comportamento de uso é semelhante, e isso reforça que é possível a interação entre surdos e ouvintes com as linguagens digitais dos aplicativos computadorizados, possibilidade que pode ser explorada em contextos educativos inclusivos (OLIVEIRA e ROCHA, 2012, p. 96-97).

Finalmente, percebe-se que as redes sociais digitais de fato privilegiam uma cultura cada vez mais participativa em que pode-se potencializar a circulação dos saberes surdos, da cultura e da identidade surda, o contato surdo-surdo aproximando-se assim, da pedagogia surda. Perlin e Reis (2012) defendem, inclusive que, o espaço social digital vem se tornando um lugar não apenas para o compartilhamento de informações, mas também um importante ambiente para o desenvolvimento da consciência surda. E complementam, citando Silva (2004), que “as tecnologias digitais possibilitam a distribuição instantânea e global de ideias, que envolve mudanças sociais advindas de seus impactos como desenvolvimento de novas formas de cultura” (p. 43) possibilitando, desta forma, - cada vez mais - a fixação das marcas culturais surdas. Finalmente é importante frisar que, os espaços sociais digitais implicam ainda na construção de novas subjetividades, com as práticas sócio-culturais, favorecendo também a autoformação do indivíduo que, ampliadas pelos artefatos móveis, podem contribuir para os surdos assumirem comportamentos mais críticos, autônomos e aprendentes.

Discussões Finais

Deve-se compreender que existe uma pedagogia dos surdos e que esta pedagogia é visual e que deve constar em todo o processo de aprendizagem. E os ESDs apresentam-se como importantes espaços visuais e sociais com a presença de bolhas próprias que se transformaram em espumas “nascentes” carregadas com significantes e significados identitários surdos. Em suma, cabe ressaltar que, devemos privilegiar as metodologias visuais e que já existem muitas, porém, o que mais importa é desenvolver a constante capacidade de reinventá-las e redescobri-las como, nesse caso, explorando os espaços virtuais. As redes sociais digitais, portanto, são lugares de intensa sociabilidade que possibilitam aos surdos a

oportunidade de compartilhar suas experiências de vida, crenças, hábitos, escolarização, educação familiar, enfim, as formações culturais e identitárias destes indivíduos.

Observou-se que, de fato, a utilização das redes sociais digitais pode ser uma importante interface pedagógica, um ambiente motivador que pode conduzir o professor a enxergar os benefícios de tornarem-se bilíngues. Cumpre notar que, a maioria dos professores de surdos não são usuários da língua de sinais e que existe a necessidade de se pensar de outros modos e rever as velhas ideias da modernidade em que o surdo é o sujeito deficiente, incapaz. E é justamente desmistificando essas “velhas ideias” que surge a pedagogia surda, pois destaca o espaço surdo (proporcionando trocas culturais e linguísticas) e apresenta a necessidade de práticas educativas fora dos contornos do ouvintismo¹⁰. Apesar da pedagogia de surdos surgir nos contextos surdos (por ser o professor surdo usuário nativo da cultura surda que tem como representação maior a língua de sinais) os professores ouvintes podem se tornar fluentes nesta língua, ministrar suas aulas a partir da cultura visual, desde que, dentro da perspectiva da pedagogia surda. Assim, diante da complexidade da educação bilíngue de surdos, as redes sociais digitais apresentam-se como uma interface motivadora para o sujeito surdo tanto pela intensa sociabilidade (num processo de (re)construção das identidades digitais - através das bolhas identitárias) quanto pelo potencial de uma pedagogia digital de surdos a partir do momento em que favorece uma pluralidade de sistemas sígnicos e, principalmente, os aspectos culturais e linguísticos da comunidade surda.

Referências

ANDRIOLI, Mary Grace Pereira; VIEIRA, Cláudia Regina; CAMPOS, Sandra R. L. **Uso das tecnologias digitais pelas pessoas surdas como um meio de ampliação da cidadania**. VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. Londrina de 05 a 07 de novembro de 2013.

ARCOVERDE, Rossana Delmar de Lima. **Tecnologias Digitais: novo espaço interativo na produção escrita dos surdos**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 251-267, maio/ago. 2006. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

¹⁰ O ouvintismo deriva de uma proximidade particular que se dá entre ouvintes e surdos, na qual o ouvinte sempre está em posição de superioridade [...] Em sua forma oposicional ao surdo, o ouvinte estabelece uma relação de poder, de dominação em graus variados, onde predomina a hegemonia através do discurso e do saber. Academicamente esta palavra – ouvintismo – designa o estudo do surdo do ponto de vista da deficiência da clinalização e da necessidade de normalização. (PERLIN, 2010, p. 53)

BISOL, Cláudia Alquati; BREMM, Eduardo Scaranti; VALENTINI, Carla Beatris. **Blog de adolescentes surdos**: escrita e construção de sentidos. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 14, Número 2, Julho/Dezembro de 2010.

CAMPOS, Débora Wanderley; STUMPF, Marianne. **Cultura surda**: um patrimônio em contínua evolução. In PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne (Orgs). **Um olhar sobre nós surdos**: Leituras contemporâneas. Curitiba, PR: CRV, 2012.

CAPOVILLA, Fernando. **Sobre a falácia de se tratar as crianças ouvintes como se fossem crianças surdas, e as surdas como se fossem crianças ouvintes ou deficientes auditivas**: pelo reconhecimento do *status* linguístico da população escolar surda. In SÁ, Nidia Limeira de. (Org.) **Surdos, qual escola?** Manaus, AM: Valer, 2011.

FERREIRA, Luciana Gomes. **Jovens, uso das tecnologias da informação e comunicação e desenvolvimento cognitivo na cibercultura** in REGIS, Fátima; ORTIZ, Anderson; AFFONSO, Luiz Carlos et. al. **Tecnologias de Comunicação e Cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**. Porto Alegre: Mediação, 2007

MAXIMO, Maria Elisa. **Blogs**: o eu encena, o eu em rede. Cotidiano, performance e reciprocidade nas redes sócio-técnicas. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

MENESES, Soraya Cristina Pacheco de. **Estudo sobre inclusão social e educacional do surdo por meio do facebook**. Dissertação de Mestrado em Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Tiradentes, 2013.

OLIVEIRA, Sara Mirzaim; ROCHA, Eliane Cristina de Freitas. **Interação de pessoas surdas e ouvintes com o mundo virtual**: uma análise sobre as diferenças entre interações de surdos e ouvintes com Facebook. Inc. Soc., Brasília, DF, v. 5 n. 2, p.87-98, jan./jun. 2012.

PERLIN, Gladis; REIS, Flaviane. Surdos: cultura e transformação contemporânea In PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne (Orgs). **Um olhar sobre nós surdos**: Leituras contemporâneas. Curitiba, PR: CRV, 2012.

PERLIN, Gladis. Identidades surdas in SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças: Mediação, 2010.

PERLIN, Gladis. Surdos: cultura e pedagogia. In THOMA, Adriana, LOPES, Maura. (Orgs) **A invenção da surdez II**: espaços e tempos de aprendizagens na educação de surdos. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SALGADO, Marcelo de Mattos. **Sociabilidade em espaços digitais complexos de MMORPGs**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Contemporaneidade. Faculdade Cáspero Líbero, São Paul, SP, 2011.

SKLIAR, Carlos. Os estudos surdos em educação, problematizando a normalidade. In SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**: Mediação, 2010.

SILVA, Tomas Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença**. In. SILVA, T. T. da (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Simone Gonçalves de Lima. **Pedagogia Surda e ensino de Língua Portuguesa para surdos** in PERLIN, Gladis; STUMPF, Marianne. **Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas**. Curitiba, PR: CRV, 2012.

SILVEIRA, Rosa Maria. **Discurso, Escola e Cultura: breve roteiro para pensar narrativas que circundam e constituem a educação**. In: SILVEIRA, Rosa Maria. (Org.) **Cultura, poder e educação: Um debate sobre Estudos Culturais em Educação**. Canoas: ULBRA, 2005.

VILHALVA, Shirley. **Pedagogia Surda**. Portal Planeta Educação. Disponível em <http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=977> Acessado em 10 DEZ 2014.